

O CORPO NA CIDADANIA E NA PEDERASTIA ATENIENSES: O OLHAR DE ARISTÓFANES E O SURGIMENTO DE DISCRIMINAÇÕES AO PAPEL HOMOAFETIVO

Luiz H. Bonifacio¹

Graduando (Universidade de Pernambuco/Leitorado Antigo)

luizhenrique_bc@hotmail.com

O Teatro Grego foi um elemento cultural bastante significativo da sociedade grega, tanto no aspecto mitológico quanto no sócio-cultural e no político. As comédias do teatro grego clássico são ferramentas lúdicas para o estudo da História dos gregos antigos, mas, além disso, são ricas fontes para a análise de questionamentos que foram importantes para os antigos e que ainda o são atualmente. Assim, as obras do comediógrafo Aristófanes (século V e IV a.C.) serviram como base de uma pesquisa PIBIC que deu origem a este trabalho, que propõe a divulgação à comunidade acadêmica das observações quanto aos diferentes pontos de vista dos gregos antigos do século V a. C. com relação ao papel do homem na pederastia, associando, ou não, as práticas sexuais desta relação ao surgimento da homossexualidade, através da homoafetividade e do homoerotismo em que estavam envolvidos os agentes de tal prática. Assim, pode-se observar também o surgimento de estereótipos homossexuais que perpassaram o tempo, tornando-se preconceitos em tempos mais avançados, mas que na sociedade grega eram discriminados por uns e aceitos por outros grupos.

A análise das obras de Aristófanes, nesse processo de aceitação ou discriminação, é importante, pois permite perceber que o aspecto físico é muito importante, denotando poder ou supressão de poder, exprimindo aceitação ou discriminação de certas práticas. Aristófanes, vale salientar, foi um escritor conhecido por fazer críticas sociais em defesa das classes menos abastadas de sua sociedade; portanto, é considerado aqui como a voz dessas classes no meio social público ateniense. É interesse deste trabalho apresentar resultados obtidos em pouco mais de um

¹ Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro é concluinte da graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte, aluno do Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão leitorado Antigo (sediado na mesma instituição), orientado pelo professor Dr. José Maria Gomes de Souza Neto no projeto de pesquisa “*É duro falar e mais duro ainda calar: Teatro grego, Sexualidade e Ensino de História*”, financiado com bolsa PIBIC pelo CNPq de Agosto de 2010 a Julho de 2011, que deu origem ao referido trabalho.

ano de pesquisa e fazer questionamentos sobre a condição atual das homofobias em uma sociedade que é considerada dominada pela heteronormatividade.

Os papéis sociais são, no tempo histórico atual, importantes elementos para configurar os meios pelos quais se enxergam as sociedades. Na educação, é preciso formular questionamentos para que os alunos de História tornem-se indivíduos mais reflexivos quanto às problemáticas de seu tempo. Spencer (1999) afirma que, nos tempos atuais, mais que os papéis sociais, os papéis sexuais são questões centrais da sociedade como um todo. Portanto, é preciso fazer cotejamentos sobre as problemáticas da sexualidade, para que possamos vê-la com novos olhos, e não mais com a visão ‘atrasada’ de nossos antepassados. Afinal, como afirma Ferreira (2008), somos moldados, em nossas atitudes sociais, pelas vivências cotidianas. Quando observamos a homofobia tomar uma grande expansão atualmente é porque outros tempos históricos formularam que o normal seria o homem se relacionar com a mulher, ou, no mais das vezes, nem ter relações, por serem relações ‘pecaminosas’.

Quanto às formas de observar a prática sexual, Foucault (1984) afirma que os gregos antigos eram mais liberais quanto aos prazeres da carne, enquanto os cristãos, desde tempos remotos, viam essa forma de prazer como desvirtuação do ser humano, que deveria, portanto, ser praticada apenas para fins específicos, ou seja, para a reprodução. A prática sexual, assim, sempre foi centro de reflexões e de questionamentos. Quanto ao sexo entre pessoas de mesmo gênero, os questionamentos foram e são muito mais aflorados.

As práticas sexuais entre pessoas do mesmo gênero, denominadas generalizadamente como homossexualidade, são motores de variadas reflexões e pontos de vista. Com vistas a compreender essas práticas, devido aos questionamentos e opiniões polêmicas sobre o assunto, há autores que refletiram sobre o problema e com teorias pertinentes para este trabalho. Pollak (1987, p. 54), ao fazer uma análise sobre as origens da homossexualidade, afirma que há correntes de pensamentos que classificam a ‘não-heterossexualidade’ como desvios sexuais, enquanto há teorias que a classificam como orientações diversificadas para a realização dos desejos libidinosos; segundo o autor, são “caminhos diferentes, mas não hierarquizados para o orgasmo”.

O Corpo é atualmente, como o foi na antiguidade, uma importante característica do ser humano. O físico, muitas vezes, acaba por imiscuir-se com o social. Segundo Lessa (2009), na Atenas clássica o corpo era um importante atributo de poder ao sexo masculino. A exposição da virilidade, naquela sociedade, era prerrogativa para ser bem visto socialmente. Sobre a importância do poder que pode exprimir o corpo, Theml (et ali, 2003, p. 7), afirma que “é culturalmente construído através de escolhas ou imposições sociais, de conjunto de valores que configuram o que o homem deve ser, tanto em relação ao seu status, ao seu grupo, às virtudes morais e intelectuais quanto às maneiras da representação, da exposição e do uso do seu “corpo físico””. Assim, a adaptação (naturalmente definida, sem que o indivíduo observe) ao censo comum, ao que é o ‘normal’ na sociedade é buscada como forma de não ser discriminado socialmente, como forma de não ser visto como inferior. Na Atenas clássica, a heteronormatividade da sociedade marcava a expressão corporal de então. Todavia, havia representações ‘desviadas’ do comum naquela sociedade; essas representações acabavam por ser discriminadas.

Entre as práticas que denotavam uma carnavalização do corpo na Atenas clássica, assim como na Grécia como um todo, estavam as práticas homoeróticas ocorridas entre dois agentes do mesmo sexo. Há teorias diversas quanto a sua valorização na *pederastia*, todavia, há indícios de sua existência fora da *pederastia*, com a discriminação pública dessas práticas, não inibindo, porém, seu exercício em meios privados e em ocasiões especiais, como em banquetes ².

² A *pederastia* era uma prática educacional que visava à formação cidadã de jovens do sexo masculino (o *erómenos*), na qual o tutor era um homem mais velho, cidadão já formado e, em geral, com prestígio na prática pedagógica (o *erastés*). Nessa prática, os dois agentes viviam intensamente por um longo período juntos; esta ligação íntima entre eles resultava, normalmente, em prática sexual entre os dois. Segundo Foucault (1984), acreditava-se no resultado pedagógico da prática sexual; o conhecimento seria, assim, ‘penetrado’ no aluno, por seu tutor. Por isso, a prática ‘invertida’ (o *erastés* tomando a condição de passividade) seria reprimida, acusando esta relação como perniciosa, sem vínculos educacionais. Todavia, no meio social ateniense, era comum haver o culto a Dioniso, regado a vinho, nos banquetes, que sendo estritamente masculinos, possibilitavam relações homoeróticas. Segundo Castelo Branco (2004), o homoerotismo é caracterizado como a relação apenas física entre dois agentes do mesmo sexo, visando exclusivamente ao prazer orgástico, enquanto a homoafetividade é a representação do amor e não apenas a busca pelo prazer. A homossexualidade moderna, assim, para ser caracterizada como tal, deve ser composta por essas duas expressões, a homoafetividade e o homoerotismo. Apesar de a sociedade grega, mais que isso, a ateniense, não valorizar aquela relação presente nos banquetes, não havia muita crítica a essas relações por eles (os banquetes) serem entendidos como carnavalização da ordem, tidos como festas isoladas que não seriam a ordem comum das relações sociais e, portanto, não ameaçando a estrutura poliáde.

De qualquer forma, a sociedade ateniense reprimia os comportamentos masculinos tidos como efeminados, que deveriam ser abolidos da sociedade por perverterem o ideal de cidadão³. Ao criticar a pederastia, Aristófanes fazia uma íntima associação entre esta prática, a passividade sexual na relação homoerótica e as expressões efeminadas, que, segundo ele, tornavam o homem tolo, pois perdia sua característica social que o classificava como tal, a virilidade masculina.

Filosofia

Por tua culpa só e tão-somente as escolas de Atenas estão vazias. E por isso, ociosa e pervertida, toda uma geração nas ruas vaga. Escuta o que te digo: no futuro saberá a cidade o que fizeste: os seus filhos viris tu os tornaste tolos e efeminados. (ARISTÓFANES, 2006, p. 53)

O pensamento comum da sociedade em questão com relação ao modo de ver as práticas homoafetivas e homoeróticas, além dos comportamentos efeminados não era único. Havia opiniões diversas, inclusive porque estas práticas eram mais comuns entre as classes mais ricas, enquanto as classes mais pobres, que não tinham subsídios econômicos para suprir a educação pederasta, por exemplo, recriminava essa prática educacional, e por consequência outras práticas sexuais entre homens. Segundo Foucault (1984) não há, neste período uma condenação dos ‘amores masculinos’; todavia, a ameaça ao papel viril dá origem a questionamentos gerais contra certas práticas desse gênero.

O domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser “livre” na Antiguidade Grega, em todo caso bem mais do que o dói nas sociedades europeias modernas; não resta dúvida, entretanto, que bem cedo se vê marcar intensas reações negativas e formas de desqualificação que se prolongarão por muito tempo. (FOUCAULT, 1984, p. 27)

As práticas que hoje denominamos homossexuais e que, ao longo do tempo, foram sendo caracterizadas como desvirtuação do costume comum, a partir da

³ Temos que levar em conta, aqui, que era considerado cidadão na Atenas clássica todo indivíduo adulto e do sexo masculino filho de pais atenienses. Ver: MOSSÉ, Claude. Dicionário da civilização grega. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

heteronormatividade presente nas sociedades ocidentais, são marcas de expressões repressivas a representações simbólicas destas relações na antiguidade. Vivemos em uma sociedade que foi marcada, predominantemente, através dos séculos, por supervalorização das representações masculinas; portanto, aquelas condutas masculinas, que foram construções morais dos gregos antigos, no que diz respeito a virilidade, perpassaram o tempo e chegaram até os dias atuais.

As condutas morais, desde a antiguidade ‘aristofânica’⁴, foram marcadas pelas expressões que eram mais cômodas à sociedade. As formas de poder a que o corpo e, mais que isso, a própria sexualidade, foram submetidos influenciaram o modo a partir do qual se formularam opiniões sociais a esse respeito. A influência e re-interpretação de períodos anteriores, os benefícios particulares que cada indivíduo ia adquirindo, foram moldando a forma como as práticas homossexuais foram sendo vistas ao longo do tempo; e nestas análises do desenvolvimento da questão sexual, sobre as formas de ver a sexualidade e a homossexualidade, não se pode esquecer de observar os costumes do gregos antigos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLO BRANCO, Lucia. O que é erotismo. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FERREIRA, Antonio Celso. O historiador sem tempo. In: FERREIRA, Antonio Celso, BEZERRA, Holien Gonçalves e DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). O historiador e seu tempo: encontros com a história. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008, p. 11-25.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

⁴ *Aristofânica*, aqui, quer dizer respeito ao período em que viveu o pensador e escritor comediógrafo Aristófanes, que viveu a maior parte de sua vida no século V a.C. Aristófanes criticava muito, através de suas sátiras, a guerra do Peloponeso, a aristocracia ateniense e as práticas elitistas e das elites, como era o caso da pederastia. Este autor era também um conservador de costumes antigos de sua sociedade, portanto, valorizador da virilidade da influência creto-micênica.

LESSA, Fábio de Souza. Gênero, relações de poder e esporte em Atenas. In: Anais III encontro nacional e II internacional de história antiga e medieval do Maranhão. 2009, pp. 131-146.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: A felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André. Sexualidades ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 54-76.

SPENCER, Colin. Homossexualidade: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1999.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza. Olhares do corpo: objetivos e agradecimentos. In: _____ (orgs.). Olhares do Corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 7-8.